

Harpia e a conservação do Pantanal

Categories : [Reportagens](#)

[**Campo Grande \(MS\) - Artigo publicado este mês na Revista Brasileira de Ornitologia relata o primeiro registro de harpia \(*Harpia harpyja*\) na planície pantaneira. O relato de caso é de suma importância para a conservação da espécie, uma vez que sua presença, nidificação e reprodução indicam alta produtividade do habitat. \(\(o\)\)eco já havia divulgado em primeira mão, em 2009, a descoberta do ninho ativo que gerou o estudo.**](#)

O artigo científico, intitulado “Primeiro registro de *Harpia harpyja* para o bioma Pantanal, com dados sobre atividade reprodutiva” é de autoria de Flávio Kulaif Ubaid, doutorando em zoologia do Instituto de Biociências da UNESP Botucatu; Luciana Pinheiro Ferreira, bióloga mestrandra da UNIDERP; Samuel Borges de Oliveira Júnior, doutorando em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos; e do ornitólogo Paulo de Tarso Zuquim Antas, que desenvolve pesquisas na região desde 1978.

A harpia (*Harpia harpyja*), conhecida também por gavião-real, está no topo da cadeia alimentar e é uma das maiores e mais fortes águias do mundo, alimentando-se de macacos-prego, cutias, preguiças e filhotes de cervos, entre outros pequenos mamíferos. Sua plumagem é cinza-azulada e ostenta um belo cocar sobre a cabeça, além de um disco facial que contribui com sua audição. Tem um bico enviesado para baixo e fortes garras com unhas que medem até sete centímetros, garantindo a captura de presas sem interromper o voo.

O macho possui em média 60 cm de altura e pesa até seis quilos, já a fêmea possui 90 cm de altura e pode pesar até nove quilos, com envergadura de asa chegando a dois metros. Os ninhos são construídos com pilhas de galhos em árvores altas. A fêmea põe dois ovos entre setembro e novembro, mas geralmente só um filhote sobrevive. A maturidade sexual e a plumagem adulta ocorrem somente aos cinco anos de idade. Esses animais podem chegar a uma longevidade de 40 anos.

No Brasil, além de ser encontrada na floresta amazônica, a harpia era comum na Mata Atlântica e no Cerrado, mas por ser extremamente vulnerável às perdas de habitat, já é considerada ameaçada de extinção no Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul. A ave não consta na lista de espécies sob risco de extinção do Ibama porque supõe-se que haja muitos indivíduos na Amazônia. Porém, nos outros biomas brasileiros, os registros são escassos.

As ocorrências mais próximas ao Pantanal foram registradas na Serra da Bodoquena, em Mato Grosso do Sul, a cerca de 70 km do Pantanal Norte, no sopé da Serra Ricardo Franco e no

Parque Estadual do Cristalino, em Mato Grosso.

A área do estudo relatado no artigo localiza-se no Pantanal Norte, no município de Barão de Melgaço, Mato Grosso, a menos de 11 quilômetros da RPPN SESC Pantanal, uma das maiores unidades de conservação do Pantanal. As observações totalizaram 73 horas ao longo de 13 dias e foram realizadas coletas de restos de presas encontrados no solo para conhecimento dos hábitos alimentares da espécie. Quanto ao comportamento, os pesquisadores notaram um indivíduo adulto, possivelmente uma fêmea, e um filhote, cujo tempo de vida foi estimado entre 60 e 90 dias. O macho realizava visitas esporádicas, normalmente para levar alimento, e comunicava-se com a fêmea com gritos de longo alcance.

O ninho foi construído a 25 metros de altura, no topo de um cambará (*Vochysia divergens Pohl*), espécie nativa do Pantanal, morto por um incêndio em 2008, que manteve-se em pé. A árvore do ninho fica próxima de um caminho utilizado por moradores locais para acesso ao rio Cuiabá. Relatos de moradores da região indicam que o ninho já existia antes do incêndio, evidenciando que o casal tolerou esse processo de interferência. Em agosto de 2009, ocasião uma forte ventania derrubou o ninho, ocasionando a morte do filhote. Posteriormente, um novo ninho foi localizado, distante cerca de 2,6 km do ninho anterior, e a fêmea já estava efetuando a incubação.

Ambiente saudável

Paulo de Tarso, que é um dos mais conhecidos e experientes ornitólogos do país, tendo sido o responsável pela organização, estabelecimento e funcionamento do Centro Nacional de Pesquisa para a Conservação de Aves Silvestres (Cemave) do Ibama, e co-autor do estudo, explica que não há estimativa populacional da espécie no Brasil: “A ameaça de extinção está baseada principalmente na redução do seu habitat principal, as matas mais densas. Como é uma espécie de topo de cadeia, necessita de ambientes produtivos para ter populações de presas capazes de mantê-la. Os efeitos de ação humana sobre o ambiente afetam as suas presas, diminuindo as populações e tornando-a ainda mais rarefeita do que já é naturalmente”.

Segundo ele, a presença do animal ali demonstra que o ambiente está com sua produtividade bem preservada e os processos fundamentais da vida no local estão funcionais. "Um predador, apesar de transmitir essa ideia de força por seu tamanho e poder, na verdade, é o elo mais fraco da cadeia alimentar. Se diminuem suas presas, o predador é imediatamente afetado, enquanto muitas de suas presas reduzem populações, mas não desaparecem do local", reitera.